TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ EM ALFENAS – MG: ENTRE ESPAÇOS DE ACOLHIMENTO E INSEGURANÇA

LGBTQIA+ TERRITORIALITIES IN ALFENAS – MG: BETWEEN SPACES OF WELCOME AND INSECURITY

TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ EN ALFENAS – MG: ENTRE ESPACIOS DE ACOGIDA E INSEGURIDAD

Antônio Ananias Nogueira Netto
Me. Geografia - Universidade Federal de Alfenas – MG
antonio.netto@sou.unifal-mg.edu.br

Flamarion Dutra Alves
Prof. no PPGEO - Universidade Federal de Alfenas – MG
flamarion.dutra@unifal-mg.edu.br

Resumo:
O presente artigo discute sobre as territorialidades dos corpos LGBTQIA+ no Sul de Minas Gerais, mais precisamente no município de Alfenas. O objetivo principal é compreender como ocorre as interações no processo de territorialização e vulnerabilidade dessas pessoas. A pesquisa está dividida em três partes, a primeira traz uma contextualização sobre a questão da sexualidade e da população LGBTQIA+ nos estudos geográficos, em seguida a parte teórica trata do território, territorialidade e os corpos na geografia, e por fim, a pesquisa empírica com dados primários e secundários para contextualizar a população LGBTQIA+, visando compreender a territorialidade da população LGBTQIA+ em Alfenas. As territorialidades foram agrupadas em mapas de acolhimento e medo/insegurança. Em Alfenas as territorialidades de acolhimento que foram mencionadas é a UNIFAL, algumas praças e alguns bares e festas universitárias. As territorialidades de medo/insegurança que foram mencionadas são avenidas, praças, de acordo com a temporalidade do espaço, ou seja, dia ou noite.

Palavras-chave: Sexualidade, Territorialidade, Corpo-Território, Vulnerabilidade.

Abstract:
This article discusses the territorialities of LGBTQIA+ bodies in the South of Minas Gerais, more precisely in the municipality of Alfenas. The main objective is to understand how interactions occur in the process of territorialization and vulnerability of these people. The research is divided into three parts, the first provides a contextualization of the issue of sexuality and the LGBTQIA+ population in geographic studies, then the theoretical part deals with territory, territoriality and bodies in geography, and finally, the empirical research with primary and secondary data to contextualize the LGBTQIA+ population, aiming to understand the territoriality of the LGBTQIA+ population in Alfenas. Territorialities were grouped into welcoming and fear/insecurity maps. In Alfenas, the reception territories that were mentioned are UNIFAL, some squares and some bars and university parties. The territorialities of fear/insecurity that were mentioned are avenues, squares, according to the temporality of the space, that is, day or night.

Keywords: Sexuality, Territoriality, Body-Territory, Vulnerability.

Resumen:
Este artículo discute las territorialidades de las entidades LGBTQIA+ en el sur de Minas Gerais, más precisamente en el municipio de Alfenas. El objetivo principal es comprender cómo se dan las interacciones en el proceso de territorialización y vulnerabilidad de estas personas. La investigación se divide en tres partes, la primera brinda una contextualización del tema de la sexualidad y la población LGBTQIA+ en los estudios geográficos, luego la parte teórica aborda el territorio, la territorialidad y los cuerpos en la geografía, y finalmente, la investigación empírica con los estudios primarios y secundarios. datos para contextualizar la población LGBTQIA+, con el objetivo de comprender la territorialidad de la población LGBTQIA+ en Alfenas. Las territorialidades se agruparon en mapas de acogida y de miedo/inseguridad. En Alfenas, los territorios de acogida que se mencionaron son la UNIFAL, algunas plazas y algunos bares y fiestas universitarias. Las territorialidades de miedo/inseguridad que se mencionaron son avenidas, plazas, según la temporalidad del espacio, es decir de día o de noche.

Mots-clés / Palabras-clave: Sexualidad, Territorialidad, Cuerpo-Territorio, Vulnerabilidad.

Introdução

O presente artigo é fruto dos estudos e da elaboração da dissertação de mestrado do autor e aluno bolsista[1], no Programa Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas com o intuito de compreender as dinâmicas territoriais de pessoas LGBTQIA+[2] em Alfenas, no sul de Minas Gerais. A geografia da sexualidade desenvolvidas nas pesquisas de Ornat (2008), Silva (2009) e Pinós da Costa (2010) no Brasil vem sendo discutida e aprofundada na última década (2010 a 2020), e assim, o tema vem sendo materializado não somente dentro de pautas de movimentos sociais, mas também, dentro da academia onde é possível analisar cientificamente os fenômenos desses grupos sociais.

A geografia como instrumento de análise espacial, práticas espaciais e culturais, pode contribuir através de interpretações sobre as produções espaciais, tanto no campo material como imaterial. No que tange a comunidade LGBTQIA+, a produção das territorialidades pode ser diferente do modelo heteronormativo concebido nas sociedades. Entendendo que os espaços possam ser construídos e apropriados de forma diferente por esse grupo, esse processo pode nos ajudar a entender os motivos pelos quais os indivíduos ocupam determinado espaço, como ocupam e se interagem, pensando no campo material. Nesse sentido, o campo imaterial, também é um espaço pensado pelos indivíduos

[1] Aluno bolsista do Mestrado em Geografia, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas com o financiamento da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

[2] Termo que se refere a comunidade entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, intersexo, agêneros, assexuados e mais.

LGBTQIA+ quando pensamos suas lutas, seus anseios e suas ideias.

Concomitante à segregação socioespacial imposta pelo modo de produção capitalista e pelas forças neoliberais, grupos sociais são inseridos desigualmente nesses processos de produção e ocupação do espaço, gerando diversas problemáticas que são espacializadas no território.

Pensando em tal problemática, o objetivo principal do artigo é compreender a dinâmica territorial dos corpos LGBTQIA+ em Alfenas – MG, entendendo como esses corpos produzem suas territorialidades em cidades médias. Desse modo, o pós-estruturalismo como método, será um dos alicerces para compreendermos como esses corpos produzem, ocupam e interagem nos espaços, tanto no âmbito público, como privado, entendendo as relações com as estruturas da sociedade com a finalidade de compreender as violências vivenciadas em um determinado espaço.

Nesse sentido, o artigo está estruturado em um tópico acerca dos procedimentos metodológicos da pesquisa, em seguida a discussão sobre as bases teórico-metodológicas sobre a sexualidade na geografia, o próximo item trará as territorialidades LGBTQUIA+ em Alfenas, passando pelas estruturas e processos em Alfenas e por fim as considerações finais.

Procedimentos Metodológicos

Para atingir os objetivos da pesquisa foi traçado um caminho metodológico para entender as territorialidades dos corpos LGBTQIA+ em Alfenas e assim, espacializá-las através dos mapas.

Foi adotada a pesquisa quali-quantitativa, privilegiando os diversos aspectos e características dos sujeitos envolvidos na investigação.

Na primeira etapa, foram analisados artigos, teses e dissertações que trabalham o conceito de e territorialidade no contexto do gênero, sexualidade e corporeidade LGBTQIA+. Além de utilizar obras sobre os conceitos fundamentais dessa pesquisa como a Territorialidade (Haesbeart, 2009), Gênero, Sexualidade e Corporeidade (Ornat, 2008; Silva, 2009; Pinós da Costa, 2010; Margarida, 1990; Azevedo, Pimenta e Sarmento, 2009)

No âmbito da territorialidade, as relações de poder manifestadas são importantes, tanto na escala do indivíduo como na escala do lugar. Nesse sentido, vamos analisar as diferentes concepções sobre Poder em Raffestin (1993) e Focault, (1979), e relacionar com as evidências empíricas.

Foucault (1984) em uma das suas análises das relações de poder, destaca como as estruturas de poder moldam as instituições sociais e influenciam diretamente na produção de conhecimento e o debate sobre paradigmas sociais. Em 'Vigiar e Punir' e a 'História da Sexualidade', Foucault (1975, 1984), destaca as dinâmicas entre o saber e o poder, questionando assim, as narrativas padrões ou hegemônicas, e expondo as relações de poder que se destacam no discurso social.

Uma filósofa importante para a discussão pós-estruturalista Judith Butler (1990), aborda a teoria de gênero ao introduzir o conceito de performatividade, discutindo como as identidades de gênero são construídas e mantidas por meio de práticas sociais. Em *'Gender Trouble',* Butler (1990) desafia as normas sociais que foram definidas pela estrutura hegemônica, questionando as categorias de gênero e discutindo sobre as identidades.

Para compreensão dessas identidades e relações espaciais dos indivíduos LGBTQIA+ em Alfenas, foi adotada a técnica de pesquisa Bola de Neve. De acordo com Atkinson (2001), Flint (2001), Oliveira et al (2021) e Vogt (1999), a metodologia se baseia na técnica para encontrar sujeitos 'ocultos' na sociedade ou que são de difícil identificação, como é o caso da comunidade LGBTQIA+.

A amostragem bola de neve é usada com mais frequência para realizar pesquisas qualitativas, principalmente por meio de entrevistas. A principal característica da amostragem de bola de neve é como uma metodologia para obter entrevistados onde eles são poucos ou onde é necessária uma certa confiança para iniciar contato.

Com as entrevistas foi possível agrupar os sujeitos entre mulheres e homens cisgênero, mulheres e homens transgênero, não binários, conforme quadro 1, totalizando 15 pessoas.

Quadro 1– Entrevistados como indivíduos LGBTQIA+ em Alfenas-MG.

Identificação	Orientação Sexual	Identidade de Gênero	Idade
A1	Gay	Não-binário	32
A2	Hetero	Mulher Transsexual	19
A3	Lésbica	Mulher Cisgênero	28
A4	Bissexual	Mulher Cisgênero	27
A5	Gay	Homem Cisgênero	23
A6	Gay	Homem Cisgênero	43
A7	Hetero	Mulher Transsexual	19
A8	Hetero	Mulher Transsexual	19
A9	Androssexual	Transsexual Não-binário	21
A10	Lésbica	Mulher Cisgênero	27
A11	Hetero	Homem transgênero	28
A12	Gay	Homem cisgênero	30
A13	Bisseuxal	Mulher cisgênero	22
A14	Gay	Homem cisgênero	26
A15	Lésbica	Mulher cisgênero	24

Fonte e organização: Próprios autores, 2024.

As entrevistas foram realizadas com indivíduos LGBTQIA+ de Alfenas nos meses de novembro e dezembro de 2023, através de um roteiro de entrevistas semiestruturada e a aplicação de uma matriz de (in)segurança espacial (Quadro 2), a partir da matriz foi construída uma nuvem de palavras com os lugares mais e menos seguros da cidade.

Quadro 2 – Matriz de espaços seguros e inseguros para a população LGBTQIA+.

Lugares	Muito inseguro	Pouco inseguro	Neutro	Pouco Seguro	Muito Seguro
Ônibus urbano					
Terminal/Ponto de ônibus					
Taxi de aplicativo					
Escola					
Universidade					
Casa					
Trabalho					
Praça					
Rua					
Academia					
Bar / Restaurante					
Supermercado					
Shopping					
Templo religioso					
Casa de familiares					
Boate					

Fonte e organização: Próprios autores, 2024.

A análise dos dados foi a última etapa da pesquisa. Na fase final, através da análise das entrevistas e dos dados obtidos foi possível analisar as dinâmicas territoriais dos corpos LGBTQIA+ em Alfenas. Além disso, identificar através das falas dos entrevistados, quais lugares os indivíduos da comunidade LGBTQIA+ sofreram violência ou descriminação, que foi possível espacializar em mapas com as áreas mais seguras e inseguras da cidade.

Após a coleta de dados pelas entrevistas e pelos dados do projeto citado anteriormente, foi feita uma comparação com os dados de denúncias feitas na Polícia Militar de Minas Gerais entre 2019 a 2023 como os crimes de violência contra pessoas LGBTQIA+. É valido lembrar que no Brasil, o Supremo Tribunal Federal (STF), em 2019 decidiu pela criminalização da homofobia e transfobia pela aplicação da Lei do Racismo (7.716/1989).

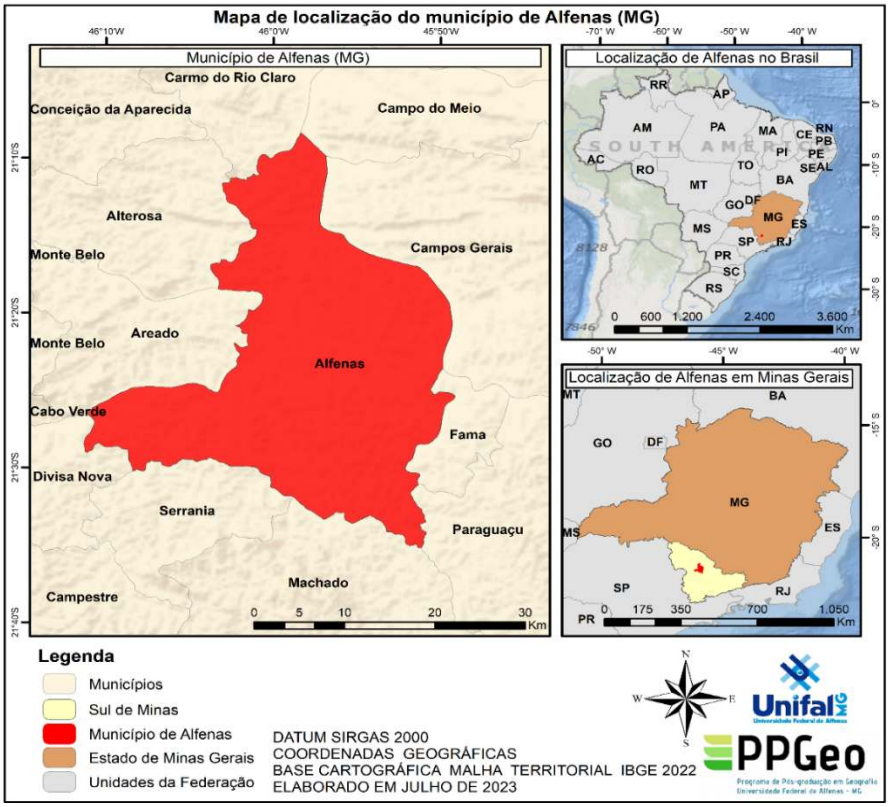
Área de Estudo

O município de Alfenas possui 78.970 habitantes (Ibge, 2022), tendo uma característica forte do setor terciário, pois é um polo universitário com uma universidade pública federal (UNIFAL-MG) e uma universidade privada (UNIFENAS) que abrangem pessoas dos mais diversos lugares do país. Além disso, é um polo de saúde, com três hospitais de referência regional (Figura 1).

Alfenas é conhecida por sediar instituições de ensino superior, a forte presença acadêmica acaba atraindo estudantes da região, mas também do Brasil inteiro (Silva, 2023), e por isso ocupa a 8ª posição nacional na centralidade das cidades por deslocamentos para cursar ensino superior (Regic, 2018).

Baseado nos dados do IBGE (2020), a economia de Alfenas historicamente esteve ligada à agricultura, com destaque para a produção de café (Alves, 2021). No entanto, nas últimas décadas, vem ocorrendo uma diversificação no setor econômico, foi necessário incluir o comércio e os serviços associados as instituições de ensino que movimentam a economia da cidade. Os setores que mais empregam indivíduos na cidade são os da agricultura, comércios e prestação de serviços. Além disso, a presença das universidades gera empregos e oportunidades para os moradores.

Figura 1: Mapa de Localização de Alfenas-MG.

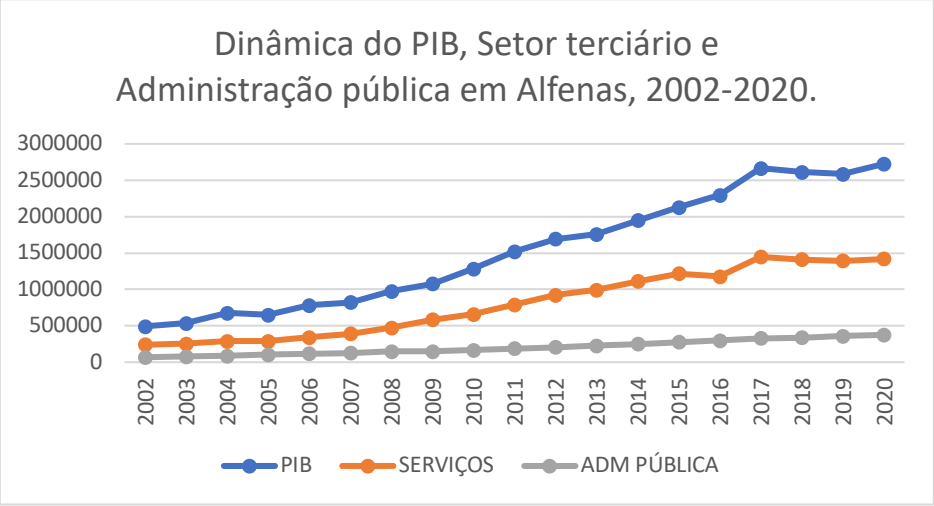


Fonte: Autores, 2024.

Devido as universidades, o setor da saúde é um componente importante dos indicadores socioeconômicos da região pois acaba sendo um polo de serviços relacionados a saúde para a população de Alfenas e região.

Como dito anteriormente, e com base na dinâmica do PIB da cidade pode-se perceber a influência do setor terciário e dos serviços de administração pública no município, visto a existência da Universidade Federal de Alfenas. Tais prerrogativas nos mostram que parte do PIB da cidade concentra-se em tais fatores.

Gráfico 1 - Dinâmica do PIB, Setor Terciário e Administração pública em Alfenas, 2002-2020



Fonte: Sidra-IBGE, 2024.

Como mostra na figura 2, os setores de serviços – apesar de uma queda em 2016 – sempre acompanharam o PIB em relação ao crescimento. Mas em relação aos dados da administração pública pode-se perceber um aumento pós criação da Universidade Federal de Alfenas em 2005 por meio da Lei Federal nº 11.154.

A emergência da sexualidade na geografia: bases teóricas-metodológicas.

Tendo em vista que a ciência hegemônica é marcada por privilégios de raça, cor, sexualidade e gênero, durante muito tempo as espacialidades, territorialidades desses grupos excluídos não era visto como um possível objeto de estudo dentro da geografia, o que causa a ausência e uma lacuna numa visão epistemológica e conceitual sobre a geografia da sexualidade (Netto, 2022; Netto, Alves e Conceição, 2023).

Nestas primeiras décadas do século XXI, geógrafos (as) constroem o movimento contestatório provindo da geografia

feminista e procuram outros caminhos para compreender as realidades socioespaciais não só de um grupo, mas sim dos próprios indivíduos entendidos em suas complexidades. Porém, a base conceitual e epistemológica tradicional é fruto do saber hegemônico, construído por uma geografia branca, heterossexual e masculina.

Inseridos num contexto histórico de mudanças de paradigmas de acordo com Prado (2017), dentro da geografia, temas emergentes vão se tornando cada vez mais recorrentes. A sexualidade analisada através do viés geográfico, visa contribuir no entendimento dessas relações projetadas no principal objeto de estudo da geografia, o espaço.

O contexto político-social nas primeiras décadas do século XXI envolve muitas problemáticas e desafios acerca das questões de gênero e sexualidade, sobretudo nos diretos humanos e cidadania, por estes motivos esses estudos estão em ascendência. As desigualdades de gênero e sexualidade estão enraizadas em nossa sociedade, sendo problemas estruturais, muitas vezes causados pelo modo de produção capitalista, o sistema neoliberal e o sistema patriarcal, além de estereótipos sociais aliados às questões étnico-raciais. O espaço, as espacialidades, o território e suas territorialidades são conceitos que nos auxiliam a compreender a desigualdade e desenvolver soluções nos debates acerca de tais problemáticas.

Partiu-se do pressuposto que existem dificuldades para a população LGBTQI+ se inserir e produzir espaço, ele em sua totalidade, muitas vezes enfrentando contra-espaços (Feliciano, 2003), como forças e ações neoliberais, capitalistas e patriarcais, além do machismo estrutural. Entender a dinâmica espacial dessa população, e principalmente, o corpo como espaço e território é uma

tarefa crucial no contexto no qual estamos inseridos. Sendo a geografia, a principal referência nos estudos da dinâmica espacial e territorial, é necessário que a ciência geográfica e os geógrafos (as) se comprometam com estudos das questões de gênero e sexualidade. Para Souza e Feliciano (2021) os estudos devem avançar na direção dos territórios da morte, do medo e de resistência LGBTQIAP+.

Para compreendermos os temas emergentes relacionados à geografia, devemos entender o processo histórico pelo qual a própria ciência perpassa nas últimas décadas. Dado em um contexto de crise epistemológica e a necessidade de superação de um paradigma teorético e quantitativo, a geografia crítica e a geografia fenomenológica surgem como caminhos alternativos para compreendermos o espaço e o território, assim como, as espacialidades e as territorialidades.

Baseado nos pressupostos de Silva (2009) os primeiros trabalhos que começaram a serem desenvolvidos durante os anos 1970 estavam relacionados a descrição das desigualdades de gênero baseado nas diferenças corporais e particularmente centrado na categoria mulher. De acordo com a autora, as primeiras pesquisas eram mapeamento de padrões espaciais de atividades femininas.

Além da geografia feminista, boa parte das literaturas sobre a sexualidade dentro do campo da ciência geográfica tem como base as conceitualizações provindas da geografia inglesa e norte-americana. Alguns autores são extremamente importantes para entendermos o início e os possíveis percursos pelo qual a geografia da sexualidade vem se constituindo. Para isso, alguns trabalhos possuem sua importância para demarcamos o início de um pensamento que começa a adentrar dentro da ciência geográfica. Como dito, a geografia da sexualidade tem como berço a geografia

feminista como os trabalhos de Oberhauser et al. (2003), McDowell (2003), sendo Binnie e Valentine (1993) o trabalho pioneiro ao discutir o tema sexualidade dentro da construção do pensamento geográfico.

Para pensarmos a geografia das r(e)existências e resistências, devemos entender as relações da tríade: poder, espaço e resistência. Como dito por Raffestin (1993) em 'Por uma Geografia do Poder', todas as relações sociais possuem relações de poder, essa são materializadas tanto no espaço material e imaterial.

Uma outra possível analise em relação ao poder pode ser baseado em Focault (1979), onde ele e suas relações estão intrínsecas ao próprio eu, um dos conceitos utilizados pelo autor é o biopoder. O poder de acordo com os pressupostos de Foucault (1979) é exercido em múltiplas e variadas direções, deve ser entendido a partir das estratégias, manobras, técnicas e táticas de operacionamento.

Uma outra característica relacionada a está temática são os processos decoloniais, que são refletidos e materializados no espaço geográfico. Como mencionado por Haesbaert (2021) a decolonialidade traz uma crítica a colonialidade do poder. O espaço geográfico, entendido no contexto atual, modificado pelas ações antrópicas é lido como fruto dessas relações, que determina e impõe o poder sobre corpos no viés espacial e territorial, e sobre o próprio espaço geográfico.

Uma crítica e um apontamento interessante para entendermos o espaço pelas trajetórias vividas dos sujeitos está na relação entre espaço e representação trazida por Massey (2005). De acordo com a autora, a representação e a espacialização e a própria espacialidade são entendidas concomitantemente, dialogando entre

si. Essa representação traz consigo a ideia das identidades expressadas nas espacialidades e territorialidades de um determinado grupo social. Nesse sentido, abre-se diversos debates para a construção de novos horizontes de pensamento pela perspectiva geográfica. A sexualidade e o gênero são exemplos dessa nova forma de entender, pelo viés da geografia, as espacialidades e territorialidades dentro da temática.

Baseando-nos nos pressupostos de Margarida (1990), consideramos que a Geografia adere seus estudos sobre gênero e sexualidade a partir dos anos 1980, com o apoio da Geografia Crítica. "As discussões sobre gênero, sexualidade e espacialidade podem ser um interessante caminho para que levantemos nossos olhos de nosso pequeno mundo, para este grande, rico e complexo mundo" (Ornat, 2008, p.2). O debate político e acadêmico sobre sexualidade e gênero está ganhando cada vez mais espaço nas ciências.

Uma característica importante na abordagem do corpo como lugar, é discutida por McDowell (1992), onde um corpo é um espaço que determina sua ocupação, e consequentemente sua localização. Sendo assim, esse processo de ocupação resulta na ocupação de um espaço físico, onde ele é percebido e entendido por diversas formas de acordo com o espaço-tempo. O termo corporeidade de acordo com Silva (2009), é baseado na ideia de que o corpo não é algo fixo e acabado, mas sim variável, moldável, sujeito a transformações.

> Uma significativa parcela de trabalhos de geógrafas (os), notadamente aqueles vinculados as abordagens pós-modernas, estão · investigando os caminhos em que certos corpos são marcados como sendo diferentes ou marginais, adquirindo restrições as suas espacialidades, enquanto outros corpos, julgados normais e neutros, podem ser onipresentes e

> desenvolver qualquer espacialidade (Silva, 2009, p. 140).

De acordo com McDowell (1992), a corporeidade está relacionada a fluidez, representação, e relações entre a própria anatomia e suas identidades sociais. A Sexualidade de acordo com Foucault (1979) está relacionada aos prazeres do corpo, entendendo seus desejos, as identidades. De acordo com o autor, ela é vivida temporal e espacialmente de diversas formas. A abordagem sobre a sexualidade no âmbito da geografia vem superando uma série de preconceitos associados ao tema.

Uma autora importante para entendermos as relações estruturais e as questões de gênero é Butler (1990). A autora busca desafiar as noções tradicionais de identidade de gênero e destaca a performatividade como conceito central para compreender a construção social e cultural das categorias de gênero. Baseado em Butler (1990), essa analise se estende para além da desconstrução linguística, mas dialogando com as implicações políticas e sociais do modelo hegemônico.

A teoria de gênero proposta por Butler (1990), revolucionou os estudos de gênero ao desafiar as concepções essencialistas e propor uma abordagem performativa da identidade de gênero. Ou seja, discutindo como a identidade de gênero não é algo pré-existente, mas sim construída e reforçada por práticas sociais. Portanto essa abordagem, desafia as noções tradicionais, questionando a fixidez das

identidades de gênero e destacando como as normas são socialmente construídas.

Territorialidades LGBTQIA+ em Alfenas

A diferenciação espacial e suas territorialidades estão marcadas no cotidiano das cidades, distintos grupos sociais interagem de acordo com suas preferências, interesses, necessidades ou pelo fato de serem espaços mais seguros. A temporalidade dessas territorialidades também apresenta diferenças, pois a insegurança pode ser agravada nos períodos noturnos, finais de semanas entre outros.

Sendo assim, quando perguntado sobre a violências sofridas, ou sobre os espaços frequentados pelos entrevistados o que foi obtido traz reflexões importantes para pensarmos as territorialidades.

Baseado nas entrevistas, pessoas transexuais sentem mais a violência estrutural marcada por fatores já discutidos por Butler (1990) e Scott (1995) onde os corpos não se conformam devido a fatores ligados à sua identidade.

De acordo com a entrevistada A2, que se identifica como mulher transexual, não existe lugar seguro para ela e consequentemente sem vínculos territoriais:

> [...] tenho medo de andar em Alfenas na cidade inteira, tipo, onde você anda é perigoso, porque sempre vai ter uma pessoa pra te agredir, fazer qualquer tipo de coisa com você (Entrevistada A2).

Uma outra questão importante para discutirmos tais violências é entender o espaço-tempo e como a temporalidade é uma questão a se pensar para discutirmos as violências contra pessoas LGBTQIA+. O que foi percebido no relato das entrevistas é que um mesmo lugar que é seguro de dia, acaba sendo um território do

medo a noite. De acordo com a entrevistada A2 “quando saio de madrugada, é porque não estou sozinha, estou acompanhada, pois tenho medo de sofrer algum tipo de agressão”.

O mesmo foi dito pelas entrevistadas A7 e A8 que também se identificam como mulheres transexuais. De acordo com a entrevistada A7 “Eu não tenho medo apesar de saber das violências que ocorrem, me mudei para cá para fazer minha transição”. Essa mudança para Alfenas reflete sua centralidade regional, que atrai muitas pessoas LGBTQIA+ de municípios menores do seu entorno, sendo um espaço de diversidade e acolhimento, o que não significa um espaço de segurança.

O preconceito está presente no cotidiano, conforme a entrevistada A8 “tenho medo no meu serviço, eles ainda utilizam meu nome morto, eu tenho um pouco de medo de me impor ali”. Baseado no que foi dito pela entrevistada A2 que se identifica como mulher transsexual, a cidade toda acaba sendo um território suscetível a violência.

Acerca da temporalidade dos territórios, pode-se fazer referências ao que foi dito por Souza (2015) sobre territórios cíclicos ou móveis. Um espaço na cidade tem várias funções, usos e ocupações durante o dia, como uma área comercial durante o dia e um território da prostituição a noite. Podemos compreender isso através de Haesbaert (2007) que vai discorrer pelos territórios-rede, em que os fluxos podem se tornar dominantes e se instalar nos territórios. Isso pode ser percebido através do que foi dito pela entrevistada A2:

> [...] Alfenas inteira não tem lugares seguros, principalmente a noite, as ruas e as avenidas aqui que pegam para ir para o centro (Av. Governador Valadares) é uma rua que me sinto insegura, e a maioria das minhas amigas trans tem medo porque tem

> muitas pessoas com olhares maldosos (Entrevistada A2).

O que foi dito anteriormente sobre os territórios cíclicos por Souza (2015) é perceptível novamente na fala da entrevistada A2. Uma das principais avenidas comerciais de Alfenas (Av. Governador Valadares) acaba sendo um território de insegurança e medo durante a noite, devido a suscetibilidade a violência e discriminação.

É nesta avenida (figura 2) que se concentra o principal território da prostituição na cidade, frequentado por mulheres trans, travestis e ao mesmo tempo que concentra essa territorialidade reflete a insegurança, pois são alvos de diversos tipos de violência pelo conhecimento das frequentadoras do lugar.

Figura 2: Avenida Governador Valadares em Alfenas



Fonte: Reprodução/Gilson Leite, 2022.

Além disso, a entrevistada A2 relata sobre sua vivência nos territórios da cidade sendo que em um desses lugares a mesma foi vítima de violência física e moral.

> [...] A rua da Chapada[3], perto da quadra, fui estuprada lá, eu morro de medo de passar até hoje. É um lugar que eu morro de medo, meu pai mora lá mas não visito meu pai porque tenho medo. Quando passo la perto sinto uma energia ruim (Entrevistada A2).

O que foi dito pela entrevistada A2 é o que acontece com muitas pessoas transsexuais devido a suscetibilidade a violência. O lugar em que foi dito pela entrevistada está situado na zona periférica da cidade, onde concentra-se pessoas de classes sociais mais baixas. Ainda através dos relatos da entrevistada, a mesma já foi vítima de violência várias vezes. "Eu já fui vítima, já sofri pra caramba na vida, se eu falar tudo eu vou até chorar. Eu começo a ficar com os olhos cheio de água". A seguir na figura 3, podemos visualizar o local onde a mesma relata sua experiência.

Figura 3: Quadra da Chapada, localizada no bairro Chapada em Alfenas



[3] A rua da Chapada, menção a quadra localizada no bairro da Chapada, área urbana e periférica da cidade de Alfenas.

Fonte: Trabalho de campo.
Autor: Antônio Netto, Flamarion Dutra Alves, 2023.

Nesse relato, podemos perceber o quanto a violência de gênero e a LGBTQIAfobia pode causar danos nas vidas das pessoas, principalmente em relação a saúde mental que será discutida no próximo tópico através da discussão da violência psicológica.

Uma outra característica importante para discutir sobre a vivência das pessoas transexuais é o período de transição. O que foi relatado pelos entrevistados transexuais é que no período em que os mesmos estavam inseridos na escola, sofriam diversos tipos de violências físicas, verbais, psicológicas. Isso fica claro na fala da entrevistada A2 "Quando eu comecei a estudar no 5º ano, eu não queria mais estudar por sofrer homofobia. Eu já apanhei, já levei murro na escola."

A entrevistada ainda relata que não foi a única vez, isso aconteceu pelo menos mais umas três vezes, em diferentes territórios estudantis, ou seja, as escolas. "Na escola 1[4] eu nunca apanhei, mas sofria *bullying* por utilizar o banheiro feminino, as outras meninas viam que eu era diferente e me chamavam de veado." Além disso, a mesma entrevistada diz "Na escola 2[5], quando criança, eu já levei pedrada na cabeça, maçã do amor na cabeça também." Ou seja, o que pode ser percebido através da fala da entrevistada é que por muitos anos, o ambiente escolar não estava preparado para a diversidade, o que geram conflitos que se materializam nesse território em forma de violência física, verbal e psicológica.

[4] Para preservar o nome da escola, colocarei o nome de escola 1.

[5] Para preservar o nome da escola, colocarei o nome de escola 2.

O mesmo foi dito pela entrevistada A7 em que falou que foi vítima de violência psicológica na escola. “Eu nunca fui vítima de agressão, mas já me zoaram na época de escola. Quando comecei a me assumir, eu sofria *bullying.”* Ou seja, podemos perceber que dentro da estrutura pode existir algo que fomente ou que ignore tais violências

Esses acontecimentos nas escolas acabam sendo cada vez mais decorrentes e se tornando objeto de pesquisa de diversos autores. Baseado nas visões dos autores Stelko-Pereira & Willians (2010) e pela visão de Arroyo (2007):

> A violência vem sendo objeto de pesquisas e de reflexão teórica. Especial atenção vem merecendo a violência infanto-juvenil, ora em suas diversas formas de violentar as crianças, adolescentes e jovens (exploração sexual, tráfico, trabalho infantil, desemprego, sobrevivência, fome, desproteção, maus-tratos, mortes), ora nas diversas formas de envolvimento da infância, adolescência e juventude nas redes de tráfico, agressão, roubos, assaltos, mortes (Arroyo, 2007, p.788).

A violência dentro da escola foi relatada não somente na visão das pessoas transsexuais, o mesmo foi dito pela entrevistada A4 que se identifica como mulher lésbica: “Na época de escola (escola 3[6]) era xingada de sapatão, hoje em dia não vejo mais problema com esse xingamento.”. E o mesmo foi vivenciado e dito pelo entrevistado A5 que se identifica como homem gay: Já fui vítima de violência, verbal e física e foi dentro de casa e na escola.”. Através desses relatos, podemos perceber que os indivíduos da comunidade LGBTQIA+ começam a sofrer algum tipo de violência já no período inicial de sua vida, na escola.

Por esse motivo, muitos indivíduos da comunidade LGBTQIA+ abandonam os estudos, pois a escola não é um lugar de

[6] Para preservar o nome da escola, colocarei o nome de escola 3

acolhimento e respeito a diversidade, tendo várias consequências futuras na escolaridade, trabalho e questões psicológicas.

Existem territórios que as entrevistadas A7 e A8 se sentem desconfortadas devido sua identidade de gênero, de acordo com a entrevistada A7 bares e festas de Alfenas são lugares onde ela não se sente bem-vinda. Já a entrevistada A8 disse que se sente desconfortada em relação a sua identidade de gênero em casa de familiares.

O mesmo acontece com o entrevistado A9 que se identifica como não-binário.

> Em tabacarias, em festas universitárias não são inclusivas para as pessoas da comunidade LGBTQIA+, vai depender de qual festa e de qual curso que fazem essas festas, porém quando o curso é mais tradicional, tem um pensamento mais reacionário, você percebe que aquele espaço não é para você (Entrevistado A9).

Além disso, o entrevistado A9 ao discutir sobre os espaços públicos de Alfenas diz:

> Sobre os espaços públicos de Alfenas, por ser uma pessoa transsexual que performa feminilidade e que utiliza roupas femininas, quase todos os espaços são espaços de violência. Diariamente eu sofro algum tipo de violência na rua, alguém gritando xingamentos por utilizar roupas curtas (Entrevistado A9).

Ainda baseado no que foi dito pelo entrevistado A9, o mesmo já foi vítima de violência e perseguição devido sua identidade de gênero. “Constantemente assédio, principalmente de noite na região do centro da cidade, um homem começou a me seguir em uma rua escura próximo a região central” O que se assemelha ao que foi dito anteriormente sobre a temporalidade, visto que esse mesmo lugar de dia não oferecia tantos riscos a comunidade LGBTQIA+ de acordo com o entrevistado A9.

O entrevistado A11 que se identifica como homem transsexual nos traz uma outra visão e um outro questionamento sobre a violência e discriminação contra a comunidade LGBTQIA+. De acordo com o entrevistado, seu corpo pós transição ocupa um certo privilégio que antes seu corpo enquanto mulher não ocupava. "Quando transicionamos nosso corpo não é mais marcado, ele passa a ser um corpo de diferente poder. Percebi isso quando estava numa calçada e a noite, e uma mulher trocou a calçada. Ali eu percebi que meu corpo estava marcado pelo ser homem." Porém, de acordo com o entrevistado, a violência e o medo não foram sensações perceptíveis em sua vivência.

De acordo com o entrevistado A11, quando faz a transição, acaba ocupando um espaço que antes não era possível ocupar, um corpo socialmente aceitável, um corpo de um homem:

> Habitar um corpo aceitável, que é um corpo de um homem, pra gente que é FTM (Feminino transacionando para o masculino), pra gente é mais aceitável, a sociedade nos aceita melhor, porque é um espaço que já está ai (Entrevistado A11).

Além disso, o entrevistado A11 completa seu relato falando das estruturas sociais que concebem o corpo masculino com privilégios na sociedade:

> Meu corpo está aceito para a sociedade, um corpo de um homem é aceitável. Toda a estrutura é muito unitária, o que é a representação de um homem? É um corpo másculo, nossa sociedade não muito alto, então pra eu chegar nesse corpo é muito mais fácil do que uma mulher trans, quando vou chegando nesse corpo eu vou enfrentando menos dificuldade na sociedade, porque acabo ocupando um lugar de privilégio que antes não ocupava enquanto mulher (Entrevistado A11).

O que ocorre com os demais entrevistados que são cisgêneros e que se inserem na sigla LGBTQIA+ devido sua sexualidade acaba

sendo um pouco diferente do que foi citado anteriormente pelos entrevistados transgêneros. O que foi percebido nas entrevistas é que todos possuem certa vulnerabilidade a violência no que se refere a orientação sexual e identidade de gênero, porém, com as pessoas cisgêneros essa violência e discriminação ocorre diferente conforme cada sigla da terminologia.

Conforme dito o entrevistado A1 que se identifica com a orientação sexual gay e com a identidade de gênero não-binário, através de suas experiências, alguns lugares são mais suscetíveis a violência de gênero e sexualidade.

> Alguns ambientes esportivos e bares em geral que predominam os cisgêneros heterossexuais que costumam ser mais agressivos e que não aceitam tanto a diversidade (Entrevistado A1).

Ainda baseado no que foi dito pelo entrevistado A1, alguns territórios acabam sendo espaços onde as pessoas LGBTQIA+ são mais passiveis de violência. Ainda baseado no que foi dito pelo entrevistado, tais lugares são os mesmos pelo qual o entrevistado foi vítima de violência. "Acabam sendo territórios escorregadios, já aconteceram agressão físicas e verbais, nas avenidas e no centro da cidade". Ou seja, o que podemos compreender pela percepção do entrevistado é que o espaço da cidade acaba sendo um território de preocupação para essas pessoas devido a violência que está materializada nas estruturas da sociedade.

De acordo com o entrevistado A1, apesar de sentir algumas sensações de medo, a cidade ainda acaba sendo um território menos violento comparado as outras cidades. "No geral, temos que escolher os lugares, andar em ovos muitas vezes. Em Alfenas, costuma ser um pouco mais segura para a comunidade LGBTQIA+ comparada a outras cidades." Mesmo sendo uma cidade onde o entrevistado não

sente tais aflições, o mesmo diz a necessidade de preocupar-se com o modo que ocupa o território, e consequentemente constrói sua territorialidade.

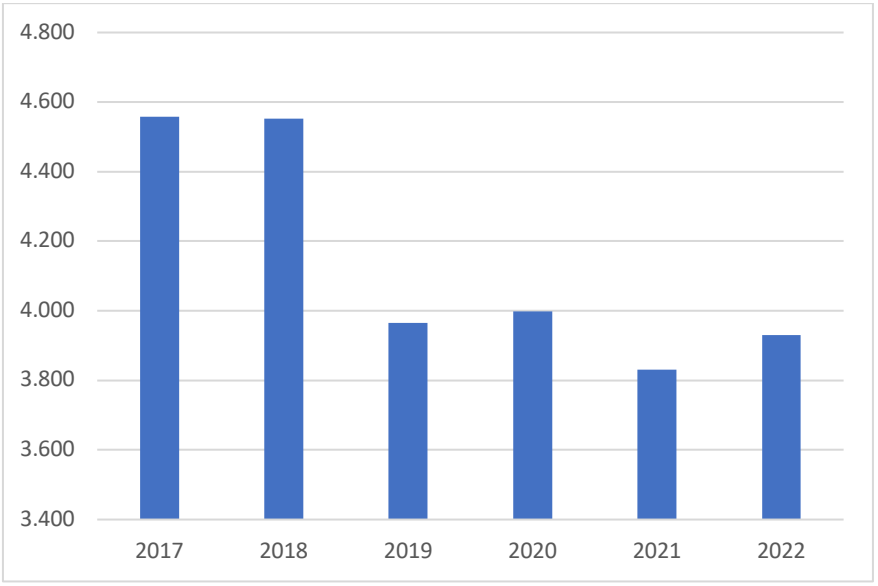
Mesmo com esses relatos, o entrevistado A1 disse que já sofreu algum tipo de violência em Alfenas: "já fui vítima de violência várias vezes e conheço pessoas que sofreram violências várias vezes também." Pela sua vivência, o medo anda lado a lado com a tentativa de se impor nos espaços e nos territórios: "eu sou bem livre com minha identidade e sexualidade, sou bem afrontoso, não tenho medo, mas vejo motivos de outras pessoas sentirem medo". Ou seja, podemos entender que para construir suas territorialidades, a comunidade LGBTQIA+ está inserida nas microterritorialidades como forma de (r)existência.

A entrevistada A3 que se identifica como mulher cisgênero lésbica dialoga com o que foi dito pelo entrevistado A1. De acordo com ela, para se entender nos territórios acaba não se escondendo como forma de resistência, porém, a mesma entende que alguns lugares não são suscetíveis a demonstração de carinho por duas pessoas do mesmo gênero, ela traz o exemplo: "Eu sou bem caruda. Tento não fazer tanto carinho na minha namorada dentro de um clube especifico. Lá é muito mais família, ai evitamos."

Uma fala da entrevistada A3 é de suma importância para compreendermos o contexto socioterritorial da violência de gênero e da sexualidade. "De madrugada quando saio para festas, tenho medo. Nem tanto por ser lésbica, mas por ser mulher." Na fala da entrevistada podemos relacionar com o que é socialmente descrito e entendido como as estruturas patriarcais, machistas, que a todo momento colocam as mulheres em risco ou medo, devido ao contexto social onde um grande número de mulheres morre de feminicídio no

Brasil. Baseado nos dados da Fiocruz (2023) podemos entender o contexto de homicídios (Gráfico 2):

Gráfico 2: Gráfico dos Homicídios Dolosos contra Mulheres no Brasil, de 2017 a 2022



Fonte: Fiocruz, 2023.

Podemos relacionar os dados de homicídios dolosos contra mulheres com o que foi dito pela entrevistada A4 que se identifica como mulher cisgênero lésbica e que se assemelha com o que foi falado pela entrevistada A3. Sendo assim, a violência de gênero e da sexualidade, acaba sendo em dobro quando pensamos no contexto das mulheres, visto que acabam sofrendo violência devido a sexualidade, com o peso da violência de gênero, o que não ocorre com um homem gay cisgênero, por exemplo.

A entrevistada A3 também discute sobre as festas em Alfenas e como esse território pode ser receptivo ou não, dependendo do contexto que a festa é criada, por quem é criada, entre outros aspectos.

O que foi dito pelos entrevistados nos permite entender que a comunidade LGBTQIA+, para se inserir e existir nos territórios, acabam criando microterritorialidade dentro de um território maior. Alguns territórios, acabam sendo ocupados por esses indivíduos, que criam microterritorialidades dentro desse território maior, como as festas universitárias.

A entrevistada A10 que se identifica como mulher cisgênero lésbica relata como alguns territórios acabam não sendo tão receptíveis e suscetíveis a comunidade LGBTQIA+ "Eu acho que tem alguns bares na cidade que possuem características que não são de acolhimento para a comunidade, principalmente na Vila Teixeira[7]".

A entrevistada A10 nos relata que certas territorialidades, certos espaços, são ocupadas por pessoas que se concebem na ordem padrão e hegemônica do gênero e da sexualidade, como citado na fala anterior. Tais lugares, acabam não sendo tão receptíveis para a comunidade LGBTQIA+ devido a traumas, lembranças, ou violências que ali podem ocorrer devido sua identidade de gênero e sexualidade. A mesma relata que no seu trabalho, acaba existindo um respeito, mas não existe um acolhimento:

> Eu frequento muito os espaços da prefeitura pelo meu trabalho. Ocupo muitos esses espaços como secretária. Não vejo um acolhimento, mas vejo respeito dentro desse espaço (Entrevistada A10).

A mesma entrevistada A10 que nos diz que não há um acolhimento onde trabalha, no lugar em que estuda, acaba sendo diferente conforme seu relato:

[7] A Vila Teixeira em Alfenas é uma região onde está localizada a UNIFENAS e possuí como característica ser um bairro universitário. A região também concentra alguns bares que é frequentado pelos estudantes e pela população.

> Aqui dentro da UNIFAL-MG (figura 6) é bem tranquilo, não sinto medo de demonstrar minha sexualidade. Aqui além do respeito eu vejo um acolhimento, diferente de outros espaços (Entrevistada A10).

Figura 4: Universidade Federal de Alfenas



Fonte: Unifal-MG, 2022.

O que foi relatado pela entrevistada A10 se assemelha com o que foi dito pelo entrevistado A9:

> Aqui no ambiente universitário, especificamente na Unifal, sinto uma atmosfera bastante acolhedora e tranquila para expressar livremente minha sexualidade e minha identidade de gênero. A sensação de segurança e aceitação que encontro aqui contrasta positivamente com experiencias que infelizmente, podem ser menos inclusivas em diferentes contextos externos a universidade (Entrevistada A10).

O que podemos entender através dos relatos dos entrevistados é que o ambiente universitário possui suas contradições, sendo a universidade uma territorialidade que transmite recepção e acolhimento, e as festas universitárias

possuindo alguns apontamentos que mostram como essa territorialidade pode encadear momentos de violência e discriminação.

O entrevistado A9 nos relata a sua experiência com o Hospital da cidade de Alfenas num contexto de uso de medicamento PEP (Profilaxia Pós-Exposição), que é um tratamento que visa prevenir a infeção pelo HIV e relatou que foi um momento que vivenciou discriminação:

> Um lugar que sinto muito desrespeito foi o Hospital Alzira Velano. Tive que utilizar o PEP, ficamos cinco horas e meia para conseguir o remédio, porém aconteceu algo muito específico. A minha ficha estava fora, tinham retirado minha ficha, senti como uma violência direta visto a necessidade de utilizar o medicamento.

Em síntese, a compreensão das territorialidades LGBTQIA+ são relevantes para o entendimento de como essas pessoas ocupam o espaço e através dele, criam laços que determinam as territorialidades. É fundamental que a comunidade LGBTQIA+ possam ocupar o espaço de maneira autêntica, sem receio de represálias e marginalizações.

Estruturas e processos que compreendem a comunidade LGTBQIA+ em Alfenas

Em Alfenas, houve a criação do Movimento Gay de Alfenas (MGA) e a construção da Parada da Diversidade. A ideia inicial surgiu de um militante e estudante de direito que viu a necessidade de se debater e discutir sobre a temática GLS[8], como era dito na época. De acordo com o entrevistado Sander Simaglio, que iniciou o movimento em Alfenas:

[8] Gays, Lésbicas e Simpatizantes.

> Sou militante do movimento LGTBQIA+ desde 1999. Eu estava fazendo minha defesa de tese na faculdade de direito, e vi a necessidade de ir além daquilo na universidade. Ai fiquei procurando saber o que tinha na cidade, existia festas gays esporádicas na região rural da cidade porque tinha que ser tudo escondido (Sander Simaglio, 2023).

Como dito pelo entrevistado, as festas LGBTQIA+ aconteciam na zona rural da cidade, devido ao espaço de segregação que existia, e os encontros eram escondidos na zona rural. Foram através dessas festas, que começou a surgir o MGA, de acordo com o entrevistado:

> Tinha uma galera ativa nas festas, mesmo sendo esporádicas, mesmo sendo escondidas, mesmo sendo nas periferias. No outro dia, encontrava essas mesmas pessoas nas ruas e elas não me cumprimentavam, porque era uma coisa que ninguém podia saber de ninguém. E ai eu comecei a conversar com um, dois amigos que eram mais próximos, da necessidade de discutir isso mais, e comecei a fazer reuniões entre amigos e conversávamos, discutíamos sobre os países que estavam criminalizando a questão de ser homossexual, isso foi engrossando o número de pessoas que se reuniam (Sander Simaglio, 2023).

Dessa forma, o MGA, começa a dar seus primeiros passos enquanto grupos de amigos que reuniam para discutir sobre sexualidade e gênero na época. Com o passar de algumas festas, o militante "cabeça" dentro do movimento acaba trazendo as festas que ocorriam na zona rural, para o centro da cidade:

> Eu comecei a trazer as festas gays, que antes era na zona rural, para o dento da cidade. Alugava locais que os universitários faziam festas, e ai existiam festas do movimento que na época era movimento GLS (Sander Simaglio, 2023).

Apenas as festas que ocorriam não foram capazes de sanar as dúvidas do militante perante ao pertencimento a cidade, então,

as reuniões começaram a ser criadas com o intuito de discutir sobre as temáticas em relação a sexualidade na época:

> Comecei a ver a necessidade ir além das festas, além da diversão e do comercial. Como havia me formado, comecei a fazer reuniões no meu escritório, umas reuniões de domingo, com 5, 6 pessoas, com pautas, envolvendo questões de saúde LGBT, preservativos, excursões para paradas LGBT (Sander Simaglio, 2023).

Foi através da coluna do jornal da cidade de Alfenas, que o militante começou a ganhar mais espaço e certa notoriedade, enquanto militante do então movimento GLS na cidade:

> Comecei a escrever no Jornal da cidade, o pessoal do jornal me deu uma coluna que chamava Cultura Pop GLS. E ali eu escrevia, e comecei a crescer essa coluna no jornal até virar uma página, e ai acabei me tornando uma referência, uma liderança (Sander Simaglio, 2023).

Baseado no que foi dito pelo entrevistado, que coordena o MGA até então, houve a criação de lideranças sul-mineiras LGBTQIA+, que ocorreu em Juiz de Fora, fato importante e decisivo para a criação do MGA em Alfenas e da própria Parada da Diversidade:

> Em Juiz De Fora, organizou um encontro financiado pelo Ministério da Justiça que era o encontro de lideranças de LGBT do Estado, proposto por uma ONG de Juiz de Fora, Movimento Gay de Minas, e ali eles nomearam as lideranças (Sander Simaglio, 2023).

Uma das importâncias desse evento para Alfenas, foi a criação da Lei Rosa na cidade de Alfenas, de acordo com o entrevistado:

> Nesse encontro, de 3 ou 4 dias, o vereador que apresentou a Lei Rosa em Belo Horizonte estava presente, dizendo como era a proposta de lei na cidade. Ai eu trouxe pra Alfenas, logo aprovamos a Lei Rosa em Alfenas de 2001 que é uma das primeiras do estado de Minas Gerais, que é a lei que pune discriminação no âmbito municipal (Sander Simaglio, 2023).

E foi a partir do evento em Juiz de Fora que nasce o Movimento Gay de Alfenas, de acordo com o entrevistado, cabeça do movimento na época:

> No último dia do evento, a proposta era montar uma federação mineira de homossexuais, porem a federação mineira para se filiar deveria ser pessoa jurídica. Nós não tínhamos personalidade jurídica, e aí voltamos para Alfenas e institucionalizamos o movimento, foi quando nasceu o Movimento Gay de Alfenas (Sander Simaglio, 2023).

Para atuar enquanto movimento, houve a criação da personalidade jurídica do movimento com o CNPJ, de acordo com o entrevistado:

> O movimento nasce em 2000. Em 2003, nós precisamos registrar, e ai criamos uma personalidade jurídica com CNPJ. Quando chegou em 2004, o Ministério da Saúde lançou um edital para apoiar paradas gays, porém tinha que ter um ano de registro. Audaciosamente escrevi o projeto, foi aprovado, e a primeira parada foi realizada em 2004 (Sander Simaglio, 2023).

Após a criação do movimento, institucionalizado, houve a criação das Paradas da Diversidade, que de acordo com o entrevistado elas ocorreram: "Nós fizemos a parada LGBT em 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2023." (Figura 5, 6 e 7).

Figura 5: Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Alfenas em 2016.



Fonte: Alfenas Hoje, 2016.

Figura 6: Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Alfenas em 2018



Fonte: Alfenas Hoje, 2018.

Figura 7: Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Alfenas em 2023.



Fonte: MGA Alfenas, 2023.

O movimento até 2015, possuía sua sede, porém de acordo com o entrevistado:

> Nós tínhamos uma sede, que executava vários projetos, ela abriu 2006 e fechou em 2015. Ela fechou em 2015 porque acabaram os recursos financeiros específicos para a população LGBT que eram os editais de concorrência pública (Sander Simaglio, 2023).

Dialogando com o método do trabalho, as estruturas acabam sendo sucateadas com o tempo, de acordo com o entrevistado:

> O que vemos hoje são pouquíssimas estruturas governamentais para a população LGBT, quase todas sucateadas, quase todas as vezes para manter as portas abertas para um jogo político. Quando tínhamos uma sede, com vários projetos, hoje não temos onde frequentar, hoje temos a rede social (Sander Simaglio, 2023).

Apesar de todo sucateamento, a resistência do grupo permanece. De acordo com o entrevistado:

> Nós do movimento, temos uma sede provisória dentro da casa dos conselhos. Nos reunimos uma vez por mês, e na organização da semana da diversidade alguns meses antes realizamos reuniões semanalmente (Sander Simaglio, 2023).

Além disso, foi perguntado sobre os projetos já executados pelo MGA, e o entrevistado nos relatou:

> Alguns dos projetos são: Projeto Amor da Unifal, Livros do MGA, MGA itinerante, Academia especialidade para portador de AIDS, assistência jurídica para portador de AIDS. Porém, o principal projeto atualmente é a semana da diversidade que antecede o movimento da Parada LGBTQIA+ (Sander Simaglio, 2023).

Na última edição da Parada da Diversidade de Alfenas de 2023 houve eventos realizados pela semana da diversidade, como a "cãominhada", os jogos da diversidade, conferências, rodas de conversa, eleição da miss e do mister gay sul de Minas Gerais, peças teatrais e a própria parada no final da semana, conforme figura 8.

Figura 8: Panfleto da Semana Sul Mineira da Diversidade Sexual de 2023 em Alfenas

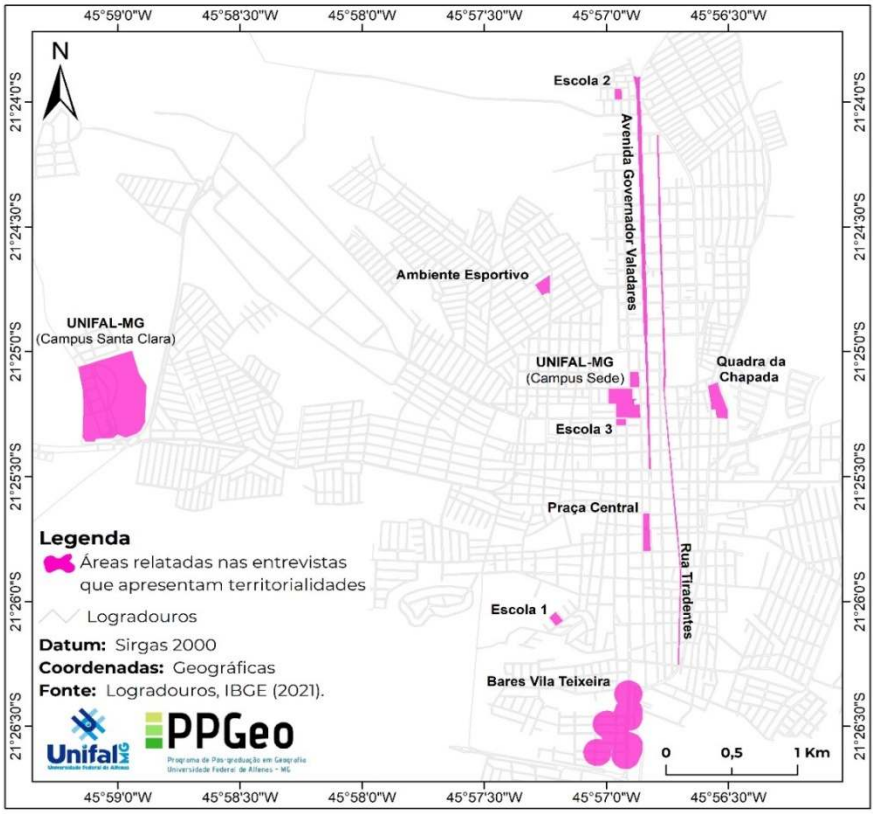


Fonte: MGA Alfenas, 2023.

Tais ações demarcam as territorialidades que são criadas como forma de resistência, de pertencimento ao território, construindo tais territorialidades conforme a necessidade de ocupação dos mais diversificados espaços.

Foi obtido através das entrevistas os lugares e as territorialidades dos indivíduos LGBTQIA+ em Alfenas. Através do que foi citado nas entrevistas, conseguiu-se espacializar através de mapas. Os mapas foram desenvolvidos em territorialidades de acolhimento e de medo/insegurança, devido ao que foi relatado pelos entrevistados contendo os dados gerais que foram coletados (figura 9).

Figura 9: Total das territorialidades relatadas pelos indivíduos LGTBQIA+ em Alfenas, 2023.

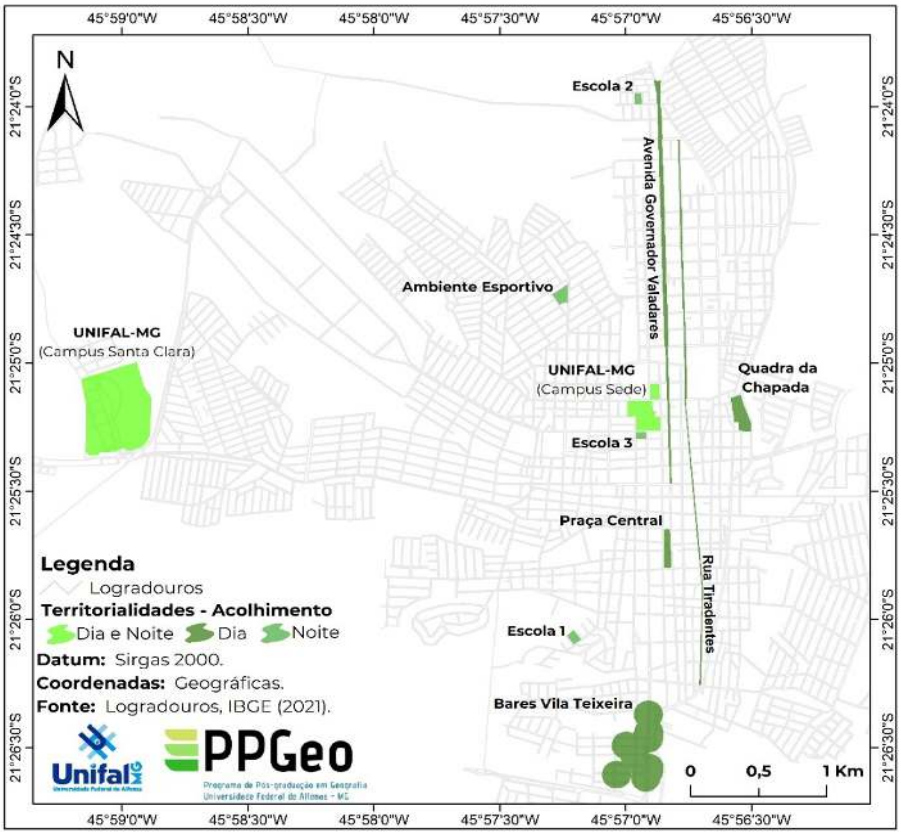


Fonte: Autores, 2023.

A figura 9, concentra todos os pontos que foram ditos pelos entrevistados. Seja ele uma territorialidade de acolhimento, seja de dia ou de noite, ou uma territorialidade de medo/insegurança, seja de dia ou de noite.

A figura 10 representa o mapa que foi construído com base nas territorialidades de acolhimento, ou seja, onde esse indivíduo se identifica e se sente pertencido ao lugar em que foi dito. Em síntese, nesse processo, constrói esse vínculo com o lugar, culminando na territorialidade.

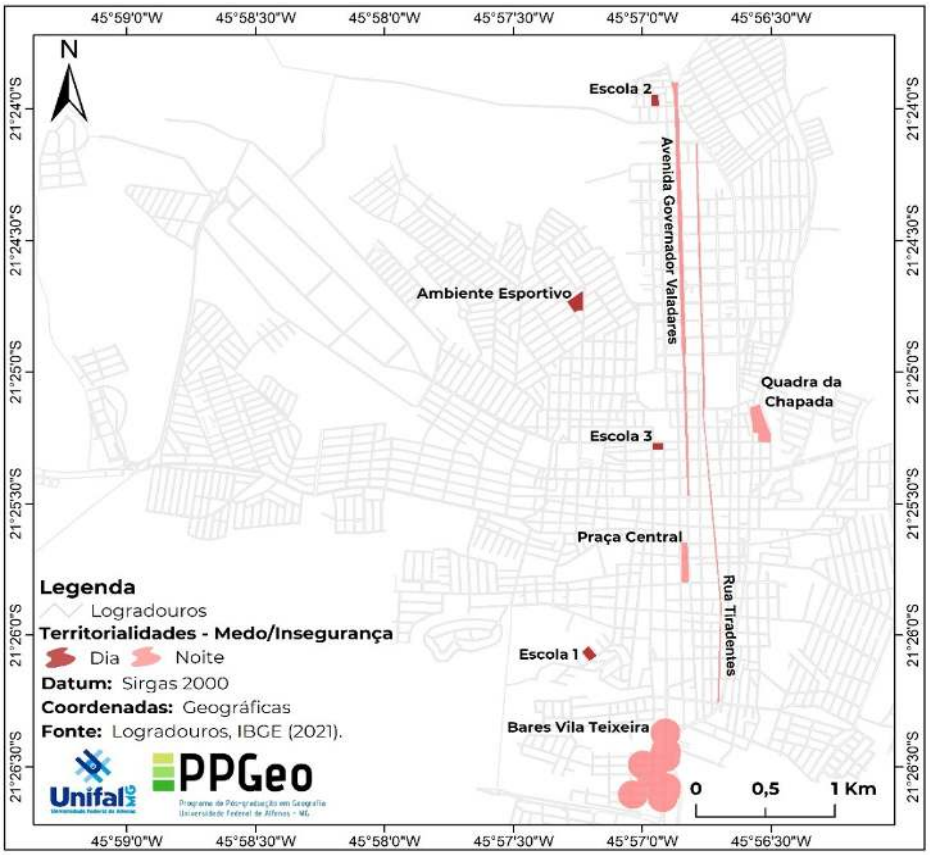
Figura 10: Territorialidades de Acolhimento LGBTQIA+ em Alfenas, 2023.



Fonte: Autores, 2023

Conforme mostra a figura 10, as territorialidades de acolhimento foram divididas em: dia e noite, dia, noite. Nas entrevistas, foi muito relatado sobre a temporalidade, e muitas dessas territorialidades acontecem em determinado período do dia ou da noite. Como podemos identificar, a Unifal é uma territorialidade de acolhimento tanto de dia, como de noite. Alguns bares também, possui a característica de ser um local de acolhimento de dia e de medo/insegurança conforme mostra a figura 11.

Figura 11: Territorialidades do Medo/Insegurança em Alfenas, 2023.



Fonte: Autores, 2023

Contudo, como pode ser observado nos mapas, essas territorialidades ao mesmo tempo que de dia pode ser de acolhimento, de noite, esse mesmo território, acaba sendo de medo/insegurança, possuindo algumas exceções como o caso das escolas na figura 11.

O próprio espaço e o território possuem suas contradições, e é por esse motivo que os conflitos do dia e noite, são gerados e determinam a territorialidade desses indivíduos LGBTQIA+. Conforme mostra a figura 11, em comparação com a figura 12, algumas dessas territorialidades, aparecem tanto no mapa de acolhimento como o de medo/ insegurança. Em exemplo, a Av. Governador Valadares, a quadra da chapa, os bares da Vila Teixeira, mostrando de certa forma, o caráter conflituoso dessas territorialidades no quesito dia e noite.

Com base na matriz de (in) segurança espacial em Alfenas, foi possível elaborar uma nuvem de palavras, a partir dos territórios de acolhimento e insegurança (figura 12 e 13).

Figura 12 – Nuvem de palavras com territórios de acolhimento e insegurança dos indivíduos LGBTQIA+ em Alfenas, 2023.



Fonte: Trabalho de campo, 2023.

Os lugares seguros que foram mais citados estão ligadas as Universidades e as festas universitárias. Por se tratar de uma cidade universitária e com uma diversidade de pessoas de várias regiões, há uma tendência de acolhimento nesses lugares. A Parada LGTBQIA+ de Alfenas é também um território de acolhimento, mesmo ocorrendo uma vez ao ano, mas é um momento de resistência. A própria residência, o local de trabalho, supermercado,

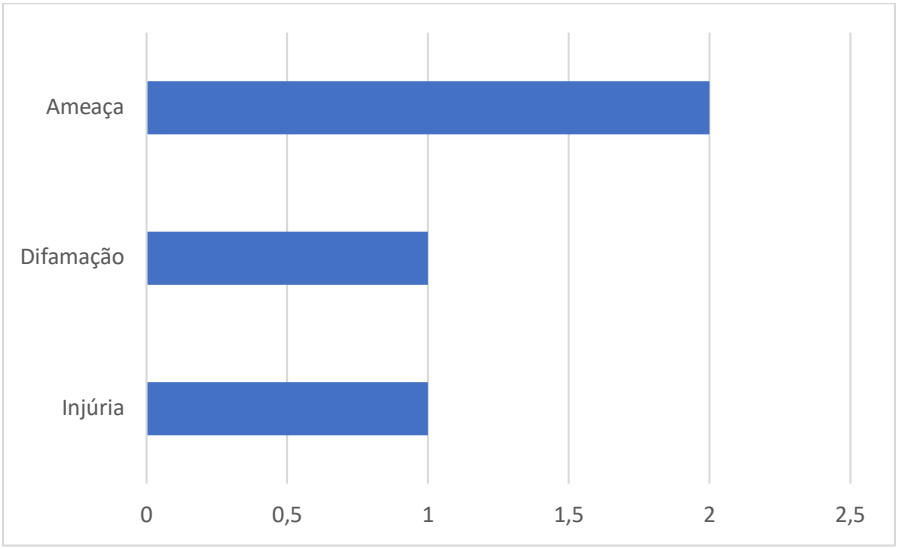
academia, entre outros lugares como foram relatados como territórios de acolhimento. Já os lugares mais inseguros mencionados são os ônibus e terminais de ônibus, tendo em vista o assédio, discriminação e violência nas suas várias formas. Os templos religiosos, táxis de aplicativos, a própria rua, e em alguns momentos, as escolas também foram citadas.

Isso demostra que a insegurança está tanto em espaços públicos como privados, na individualidade ou na coletividade.

No que se refere ao Sul de Minas, obtivemos através de um pedido pelo portal da transparência da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) dados de denúncias de crimes de ódio e discriminação contra indivíduos da comunidade LGBTQIA+ a partir de 2019 visto que é quando o crime de LGBTQIAfobia se torna equiparado ao crime de racismo.

Os dados que foram disponibilizados pela PMMG é que entre 2019 a 2022 foram feitos boletins de ocorrência com os respectivos dados: 01 de difamação, 01 de injúria, 02 de ameaças, um total de 04 registros de eventos em Defesa Social em Alfenas, conforme mostra a figura 13:

Figura 13 - Registros de eventos em Defesa Social em Alfenas de 2019 a 2022



Fonte: PMMG 2023. Autores, 2023.

Os dados nos revelam os números de denúncias que foram feitas entre 2019 a 2022 para a Polícia Militar em Alfenas. O que podemos analisar é que muitas vezes, os crimes que ocorrem acabam não sendo denunciados, por diversos motivos nos quais podemos citar a própria violência, medo, entre outros tipos de violência que pode acontecer pós denúncia. O que podemos analisar através das entrevistas, dos dados secundários obtidos pelo GGB e o site Homofobia Mata, é que os números as vezes não se assemelham com o que foi produzido pela Policia Militar, visto que muitos desses crimes acabam não sendo denunciados e não sendo contabilizados, por esse motivo, a estimativa é que o número seja maior.

Considerações Finais

Para entender as questões referentes a gênero e sexualidade é necessário compreender suas complexidades e suas

características. Os espaços e os territórios, possuem características identitárias, contendo assim desigualdades que são estruturais devido à um sistema que contempla apenas um modelo hegemônico no qual, grande parte da população LGBTQIA+ vive marginalizada nesse processo.

Diante das reflexões sobre a geografia como ferramenta de análise espacial e cultural, especialmente no contexto LGBTQIA+, emerge a compreensão de que as territorialidades dessa comunidade desafiam modelos estruturais heteronormativos predominantes na sociedade. A percepção de que os espaços são construídos e apropriados de maneira única por esse grupo proporciona uma visão mais profunda sobre as motivações que conduzem a ocupação desses espaços e territórios, assim como as interações que se desenrolam no campo imaterial e nas estruturas.

Referências

ALVES, F.D. Da diversidade agrícola à commoditização do território: os efeitos do agronegócio na Região Imediata de Alfenas – Minas Gerais. **Boletim Alfenense de Geografia**. Alfenas. v. 1, n. 2, p. 129-150, 2021. https://doi.org/10.29327/243949.1.2-10

ARROYO, G. M. Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. **Educ. Soc**., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 787-807, out. 2007

AZEVEDO, Ana Francisca; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João. As geografias culturais do corpo. P.11-30. In: AZEVEDO, Ana Francisca; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João (Orgs.) **Geografias do corpo:** ensaios de geografia cultural. Porto: Livraria Figueirinhas, 2009.

BRASIL. Congresso Nacional. 2019. **Projeto de Lei Nº 672 de 2019. Altera a Lei 7.716/89 para incluir na referida legislação os crimes de discriminação ou preconceito de orientação sexual e/ou identidade de gênero**. Disponível em: <https://acesse.dev/Urxzm>. Acesso em: 2023.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em 05/06/2023

BUTLER, J. **Gender trouble**: feminism and the Subversion of Identity. Routledge. 1990

COSTA, Benhur P. Espaço social, cultura e território: o processo de microterritorialização homoerótica. **Espaço & Cultura,** UERJ, RJ, n. 27, p. 25-37, JAN./JUN. DE 2010.

FOCAULT, M. **A história da sexualidade**: o cuidado de si. Vol 3. Edição Graal, 1984

FOCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Edição Vozes, 1975.

HAESBAERT, R. Território e Descolonialidade**.** Sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina. **CLACSO**; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografía ; Universidade Federal Fluminense, 2021.

HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade. Um debate. **GEOgraphia**. Niterói. Ano IX, n. 17, p.19-46, 2007.

HOMOFOBIA MATA – GGB. Disponível em: https://homofobiamata.wordpress.com/ Acesso em: 10/10/2022.

MARGARIDA, I. O gênero em Geografia: introdução ao novo tema. **Finisterra Revista Portuguesa de Geografia**. vol. 25 n.º 50, Lisboa, 1990.

MASSEY, D**. For Space**. SAGE publications, 2005.

MCDOWELL, L. Doing Gender: Feminism, feminists and research methods in human geography. **Transaction on the Institute of British Geographers,** 1992, vol. 17, n° 4, p. 399-416

NETTO, A.A.N. Sexualidade e Geografia: um tema emergente. **Boletim Alfenense de Geografia**, Alfenas, v. 2, n. 4, p. 158-172, 2022. https://doi.org/10.29327/243949.2.4-9

NETTO, A.A.N. ; ALVES, F.D.; CONCEIÇÃO, M.R. Identidade Sul-Mineira: considerações sobre preconceito e vulnerabilidade social. **Anais...** I Encontro Sul-Mineiro de Geografia & 7ª Jornada Científica da Geografia UNIFAL-MG. Alfenas, 2023. p.79-83.

OLIVEIRA, G.S. et al. Método bola de neve em pesquisa qualitativa com travestis e mulheres transexuais. **Saúde Coletiva**. Barueri. v.11, n.68, p. 7581–7588, 2021. https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11i68p7581-7588
ORNAT, M. Sobre espaço, gênero, sexualidade e geografia feminista**. Terr@Plural**, Ponta Grossa, 2 (2): 309-322, jul./dez., 2008

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REGIC – **Regiões de Influência das Cidades.** Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/redes-e-fluxos-geograficos/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html Acesso em: 20/12/2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. v.20, n.2, p.71-99, 1995.

SILVA, C.R. A universidade e o desenvolvimento regional: análise sobre a Região Geográfica Imediata de Alfenas-MG. **Anais...** I Encontro Sul-Mineiro de Geografia & 7ª Jornada Científica da Geografia UNIFAL-MG. Alfenas, 2023. p.45-50.

SILVA, M. J. **Geografias subversivas:** discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SOUZA, M, L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2015.

SOUZA, W.V.F; FELICIANO, C.A. Por uma leitura geográfica dos Territórios da Morte, do Medo e de Resistência LGBTQIAP+ no Brasil. **Revista NERA**. Presidente Prudente. v.24, n.61, 2021. p.87-111. https://doi.org/10.47946/rnera.v0i61.9097

STELKO-PEREIRA. C. A.; WILLIANS, A. C. L. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em Psicologia** - 2010, Vol. 18, no 1, 45 – 55

UNIFAL-MG. **A identidade sul-mineira**. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/aidentidadesulmineira/ Acesso em: 10 de junho de 2023.

VALENTINE, G. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, 1993, vol. 11, p. 395-413.

VOGT, W. P. **Dictionary of Statistics and Methodology:** A Nontechnical Guide for the Social Sciences. London: Sage, 1999.

Submetido em: 08 de abril de 2024

Devolvido para revisão em: 23 de abril de 2024

Aprovado em: 29 de abril de 2024

DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2023.3427

COMO CITAR

DUTRA ALVES, F.; ANANIAS NOGUEIRA NETTO, A. Territorialidades LGBTQIA+ em Alfenas – MG: entre espaços de acolhimento e insegurança. **Terra Livre**, São Paulo, ano 38, v.2, n. 61, jul.-dez. 2023, p. 169-215. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3427. Acesso em: dd/mm/aaaa.